

MELANCOLIA E NARRATIVA DE RESISTÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A ESTÉTICA NA OBRA TRISTESSA

Neuton Vieira Martins Filho¹

RESUMO

Nossa proposta consiste em uma análise sobre a obra *Tristessa*, de Jack Kerouac – romance *Beatnik*, dos anos de 1960. Questiona-se como foram trabalhadas as personagens da obra, destacando a principal *Tristessa* – que dá nome ao texto – enquanto elemento estético. O objetivo consiste em destacar essa personagem e teorizar sua construção, principalmente no tocante a seu comportamento melancólico em relação ao mundo circundante, a fim de comprovar que a obra estudada constitui uma narrativa de resistência. Além disso, procedeu-se a uma análise paralela das outras personagens da trama. Para isso, desenvolveu-se uma análise literária, na qual se destacou a descrição física e psicológica das personagens, comparada com a visão de autores da psicologia e da filosofia que abordam em seus textos a temática da melancolia; e que dialogam com a literatura. Nossas conclusões apontam a personagem *Tristessa* como eixo ordenador de todo um processo de afastamento e resistência para com uma sociedade repressora.

Palavras-chave: *Tristessa*. Melancolia. Narrativa de Resistência.

1 - Mestrando da Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: neuton.contatos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem como eixos principais de análise a melancolia, a estética e a narrativa de resistência. O sucesso de nossa pesquisa consistiu em saber alinhar os três conceitos para melhor compreender o romance *Tristessa*, do escritor Jack Kerouac. Buscaremos conceituar cada elemento e, em paralelo, esclarecer como se aplicam aos estudos de crítica literária, em seguida apresentaremos como se manifestam na referida obra.

Sobre o objeto principal de nosso estudo, pode-se dizer que se trata de um Romance *Beatnik*, escrito por Jack Kerouac e publicado no ano de 1960. Como partimos dessa contextualização, passamos a falar nossa compreensão a respeito do movimento *Beatnik*.

O movimento *Beatnik* pode ser compreendido de diversos pontos de vista, que vão desde um estilo literário a um padrão comportamental. O próprio nome do grupo já recebeu uma vasta carga de diferentes interpretações, por parte de pesquisadores e dos próprios integrantes do movimento. Para o devido direcionamento deste trabalho, escolhemos o conceito dado por Bueno e Góes (1992, p. 6-7), que focam as manifestações literárias do *Beatniks*:

Por extensão, Beat significa também, nos textos e na própria vida das pessoas daquela geração, fluência, improviso, ausência de normas fixas, na vida e no texto, envolvimento profundo que traz música, balanço, liberdade e prazer [...].

A Geração Beat foi uma geração em movimento: ia dos poemas às estradas, passando por bares e cafês, festas e drogas, comunidades e qualquer outro palco onde estivesse a vida.

A partir dessa conceituação, podemos dizer que a obra *Tristessa* consiste em um romance *Beatnik*, considerando que ela se desenvolve de forma livre, em pequenas crônicas independentes, todas postas numa ordem anacrônica, tendo como único divisor dois títulos. Os temas comumente envolvem viagens, festas e drogas. Logo no primeiro parágrafo do livro, Kerouac (2006, p. 11) nos dá uma exemplificação dessas teorias sobre os textos *beatniks*:

ESTOU EM UM TÁXI com Tristessa, bêbado, com uma garrafa de uísque Juarez Bourbon no malote de dinheiro da ferrovia que eles me acusaram de roubar da estrada de ferro em 1952 – aqui estou eu na Cidade do México, um sábado à noite chuvoso, mistérios, velhas ruas laterais de sonho e sem nomes passam vertiginosamente, a ruazinha onde eu caminhara por entre multidões de vagabundos índios enrolados em mantas trágicas, suficientes para fazer você chorar; e você achou ter visto facas reluzindo sob as dobras – sonhos lúgubres tão trágicos quanto aquele da Velha Noite da Estrada de Ferro, com meu pai sentado com suas coxas grandes no vagão de fumantes da noite, cochilando enquanto seguia pelos trilhos vastos, enevoados e tristes da vida – mas agora estou no alto daquele platô vegetal que é o México, a lua de Citlapol com quem eu esbarrara algumas noites antes no telhado sonolento a caminho do antigo banheiro de pedra com goteira – Tristessa está doidona, linda como sempre. Vai alegre para casa deitar na cama e curtir sua morfina.

Além disso, vale destacar que Jack Kerouac fez parte ativa do primeiro grupo de intelectuais classificados como *Beatniks*. Foi o próprio Kerouac quem escolheu o nome para o grupo e, em suas obras, encontraremos personagens baseadas em outros autores participantes do movimento. Outra característica presente nos textos *beatniks* é a influência da doutrina budista, como nos falam Bueno e Góes (1992, p. 18):

Os Beats não buscaram força apenas dentro da cultura do seu país, mas também fora. Eles também incorporaram e usaram, a seu modo, o Zen-Budismo. Se o Jazz significava a batida, o corpo, o envolvimento hipnótico, mágico, o ZenBudismo introduziu, na cultura norte-americana, via Beats, outros elementos: a possibilidade de Silêncio, a Meditação, a Calma, a noção de Vacuidade do Ego, o Desapego Material e tudo o mais que pudesse conduzir a alguma forma de Beatitude, de Iluminação.

O budismo está presente de forma evidente no texto de Tristessa; sempre a aproximar a religiosidade católica das personagens mexicanas, com os conceitos budistas trazidos pela personagem (também narrador) Jack. Na obra em questão, assim como nos demais livros de Jack Kerouac, o budismo passa por uma reinterpretação aos moldes do movimento beatnik, resultando em um texto afastado do cunho sagrado. Nesse contexto, o budismo é mais um elemento estético, como podemos constatar neste trecho de Kerouac (2006, p. 34):

MEU CIGARRO SE apaga enquanto fumo e levo-o até o ícone para acendê-lo na chama da vela, que está dentro de um copo – Ouço Tristessa dizer algo que interpreto como “Droga, esse idiota está usando nosso altar como isqueiro” – para mim nada há de estranho ou incomum nisso, só quero fogo – mas percebendo a observação, ou mesmo ainda acreditando na observação mesmo sem saber o que foi, eu engulo em seco e me detenho e em vez disso arranjo fogo com El Índio, que depois me mostra como, com uma precezinha devota e um pedaço de jornal, arranja fogo de maneira indireta, com um toque e uma oração – Ao perceber o ritual, também o faço para conseguir meu fogo alguns minutos mais tarde – Faço uma pequena oração francesa: “Excuse moá ma’ Dame” – com ênfase no Dame por causa de Damema, a Mãe dos Budas.

Temos então esclarecido nossa visão sobre

o movimento e a estética beatnik, e como o livro Tristessa se enquadra nele. No excerto acima, vemos um elemento ético, que são os valores religiosos de um grupo, ser posto como elemento estético. Compreender essa ocorrência é fundamental para nossa análise. Mais adiante iremos retomá-la. Tratemos agora de uma característica presente na religiosidade das personagens, que é a melancolia.

MELANCOLIA

A melancolia é um elemento, cujo conceito buscamos primeiramente na psicanálise, com a visão de Freud (1917), citado por Lauges (2007, p. 60):

a melancolia caracteriza-se psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e um rebaixamento do sentimento de auto-estima, que se expressa em auto-recriminações e auto-insultos, chegando até a expectativa delirante de punição [...] o luto revela os mesmos traços, exceto um: falta nele perturbação do sentimento de auto-estima. No resto é a mesma coisa.

Nessa citação temos a conceituação necessária para apresentar como a melancolia manifesta-se na obra Tristessa.

Atenemos que entre a apatia e melancolia existe uma divisão muito suave, que é a auto-estima. Podemos dizer então que há uma gênese da melancolia na apatia, que, por sua vez, surge do luto.

A protagonista da obra tem uma caracterização apática por conta de sua religiosidade; uma religiosidade católica mexicana marcada pelo culto aos mortos, como nos mostra Kerouac (2006, p. 16):

Ele está rodeado de retratos dos mortos – Quando Tristessa quer dizer “mortos”, ela junta as mãos em uma atitude santificada, indicando sua crença asteca na santidade da morte, e da mesma maneira a santidade da essência – Então ela tem uma foto do Dave morto meu velho camarada de muitos anos que ago-

ra está morto, de pressão alta aos 55 anos – Seu rosto vagamente índio-grego salta da fotografia pálida indefinível. Não consigo vê-la em meio a toda aquela neve. Sem dúvida ele está no Céu, as mãos juntas em posição de oração em um êxtase eterno de Nirvana. É por isso que Tristessa continua a juntar as mãos e rezar, dizendo, também: “Eu amo o Dave”, ela tinha amado seu antigo senhor – Era um velho apaixonado por uma garota. Ela estava viciada aos dezesseis. Ele a tirou das ruas e, ele também um viciado das ruas, redobrou seus esforços para conseguir, finalmente, entrar em contato com viciados de grana, e mostrou a ela como viver – uma vez por ano iam juntos de carona até Chalmas, na montanha, escalar parte dela de joelhos para chegar ao santuário com sua enorme pilha de muletas deixadas ali porromeiros curados de suas doenças, as milhares de esteiras abertas no sereno onde dormem à noite em cobertores e sobretudos – retomando, devotos, famintos, saudáveis, para acender novas velas para a Mãe e caindo outra vez nas ruas em busca de sua morfina – Só Deus sabe onde eles a conseguiram.

Encontramos, no trecho, mais que a religiosidade da personagem Tristessa, toda uma construção da estética beatnik. Vejamos como surge uma personagem que só nesse momento será citada em todo o romance – Dave – o que causa um efeito de realidade à narrativa, essa personagem de referência, apesar de morta, será citada como se viva, pois Tristessa faz um sinal de reverência e diz que o “ama”, e não que o “amava”; evidenciando, assim, sua religiosidade ligada diretamente com o luto.

Estando o luto posto como marca na personagem Tristessa, a melancolia estará presente em todo o ambiente que a cerca, vemos isso nas descrições feitas pela personagem Jack – narrador personagem da obra – sobre a Cidade do México e os demais locais onde a trama é desenvolvida. A apatia, assim como a melancolia (compreendidas aqui a partir da psicanálise), são patologias. Essas

patologias serão componentes da religiosidade manifesta pelas personagens. Religiosidade é aqui compreendida como um valor ético. Assim, as patologias passam a ser consideradas componentes dos valores éticos, e tais valores serão postos no texto a fim de causar um efeito estético. Logo, tanto o luto da protagonista Tristessa como a melancolia dos ambientes ligados a ela serão tidos como efeitos estéticos, e não objetos de estudo da psicanálise.

A melancolia esteve presente na arte produzida nos EUA durante os anos de 1960, não só no tocante à literatura, mas também à fotografia. Certamente, o diálogo estabelecido com as outras artes – música, fotografia, cinema – por Jack Kerouac sempre foi nítido em todos os seus romances, inclusive em *Tristessa*. Vejamos o que Kerouac (apud SONTAG, 2004, p. 81) nos fala sobre o trabalho do fotógrafo Robert Frank:

Esse sentimento louco nos Estados Unidos quando o sol queima as ruas e a música ressoa da vitrola automática ou de um enterro que passa na vizinhança, eis o que Robert Frank captou nessas fotos tremendas, tiradas enquanto viajava pelas estradas de quase 48 estados, num carro velho e surrado (graças a uma bolsa da Guggenheim), e, com a agilidade, o mistério, o gênio, a tristeza e o estranho segredo de uma sombra, fotografou cenas nunca antes vistas em filmes [...]. Depois de ver essas fotos, fica-se sem saber se uma vitrola automática é mais triste do que um caixão.

Os fotógrafos americanos trabalhavam com a melancolia quando retratavam a América, criando, assim, uma caracterização própria de sua arte. A Melancolia

2 - Na primeira edição, em 1960, os editores colocaram na capa uma breve referência ao conteúdo do romance, que indicava ser a história de uma prostituta, referência esta que não permaneceu nas outras edições. De fato, *Tristessa* foi uma personagem baseada em uma prostituta chamada Esperanza Villanueva, segundo o biógrafo de Kerouac (BUIN, 2007, p. 141). Já na obra, tudo indica que *Tristessa* tem alguma profissão, pois é ela quem sustenta o cunhado e a irmã, e essa profissão só pode ser marginal, pois *Tristessa* passa maior parte de seu tempo drogada.

vinha como consequência de sua proposta estética. Em seu livro *Sobre Fotografia*, Sontag (2004, p. 79) fala sobre a fotografia Americana nos anos de 1960 e como a melancolia tornou-se tema dela:

A fotografia na Europa foi amplamente orientada por noções do pitoresco (ou seja, os pobres, os estrangeiros, os antigos) do importante (ou seja, os ricos, os famosos) e do belo. As fotos tendiam a louvar ou a mirar de forma neutra. Os americanos, menos convencidos da permanência de qualquer ordenação social básica, especialistas na “realidade” e na inevitabilidade da mudança, produziram, de modo mais freqüente, uma fotografia militante. Tiravam-se fotos não só para mostrar o que devia ser admirado, mas para revelar o que precisava ser enfrentado, deplorado – e corrigido. A fotografia americana supõe uma ligação mais sumária, menos estável, com a história; e uma relação mais esperançosa e também mais predatória com a realidade geográfica e social.

Deparamo-nos com um contexto cultural no qual a realidade social serve de inspiração para criação artística. A Melancolia vivida pelas classes marginalizadas, o luto próprio da religiosidade são fatos sociais transformados e efeito estético. É isso que vemos no romance *Tristessa*, a melancolia presente na descrição das ruas, das pessoas, dos animais, de tudo o que se chama México, tudo o que se chama América; temos, então, uma nova significação à América.

NARRATIVA DE RESISTÊNCIA

A partir dessa visão sobre a melancolia, podemos afirmar que as personagens do romance *Tristessa* criam para si um novo mundo, pois se encontram excluídas da sociedade original. Reinventam-se as tradições, a fala, a realidade; as personagens vivem num mundo onde o contraditório é posto como comum, mundo este formado a partir do processo de afastamento consequente da melancolia.

Afastados do mundo que os marginaliza e oprime, as personagens do romance *Tristessa* passam a habitar um mundo, como já

vimos, marcado pela melancolia. Vejamos como essa melancolia se manifesta no ambiente de *Tristessa*, em Kerouac (2006, p. 85):

Tristessa agora tenta se levantar, eu a seguro por baixo dos braços enfraquecidos, ela se apoia, nós arrumamos seu casaco, pobre casaco, limpamos um pouco do sangue – Saímos – Saímos para a manhã amarelada do México, não mortos – deixo-a caminhar sozinha à nossa frente, nos conduzindo pelo caminho, e ela faz isso por ruas incrivelmente sujas cheias de cachorros mortos, passando por crianças apalermadas, velhas e velhos em farrapos imundos, e saímos em um terreno cheio de pedras que atravessamos aos tropeções – devagar – Eu agora posso senti-la em seu silêncio, “É isto que você quer me dar no lugar da morte?” – Tento saber, então, o que dar a ela – Não há nada melhor que a morte – Tudo o que consigo fazer é tropeçar atrás dela, às vezes, rapidamente, vou na frente mas não sou muito a figura masculina, O Homem Que Conduz pelo Caminho – Mas sei que agora ela está morrendo, de epilepsia, do coração, choque ou convulsão provocada pelas bolas, [...].

A personagem *Tristessa* é detentora de uma religiosidade católica, e essa religiosidade é posta em paralelo com o budismo, construindo, assim, uma manifestação religiosa própria ao romance. Em alguns momentos, fica evidente a dificuldade de *Tristessa* em falar a língua inglesa, assim como a personagem Jack tem dificuldade com o espanhol; em outros momentos, ambos terão diálogos sem a mínima problemática de compreensão. Enquanto tudo indica que *Tristessa*² é uma prostituta, o próprio narrador personagem, Jack, afirma que ela não o é.

Logo, podemos afirmar que o mundo apresentado no romance, no qual as personagens principais transitam, não chega nem a ser uma representação do real, mas sim uma fantasia criada pelas personagens como local de fuga. Fuga esta motivada pelos sentimentos de luto e melancolia que, como já vimos, é marcante em toda a obra.

Podemos afirmar também que a construção desse mundo caracteriza o romance como uma narrativa de resistência, segundo a visão de Bosi (2002, p. 118):

A resistência é um conceito originalmente ético, e não estético.

O seu sentido mais profundo ape-la para a força da vontade que resiste a outra força exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cogna-

to próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir.

As personagens resistem ao mundo que as exclui, construindo para si um mundo próprio, afastado de tudo, diferente de tudo, como se postos diante de um espelho, os valores são invertidos. Como quando, ao descrever a personagem Tristessa, Kerouac (2006, p. 11) a mostra como alguém que, apesar de encontrar-se num estado deplorável, arranca olhares de admiração:

Acontece a mesma coisa com Tristessa, ela está o tempo todo tão doidona, e passando mal. Ela se aplica dez gramas de morfina por mês – sai cambaleando pelas ruas da cidade tão bela que as pessoas continuam a se virar para olhar para ela – Seus olhos são radiantes e reluzem...

Tristessa resiste à sociedade que a cerca, pois ataca essa sociedade, mantendo sua natureza. Dessa forma a resistência presente no romance manifesta-se de forma inerente, como classifica Bosi (2002, p. 119):

Arriscando um caminho exploratório, eu diria que a ideia de resistência, quando conjugada à de narrativa, tem sido realizada de duas maneiras que não se excluem necessariamente:

a) A resistência se dá como tema;

b) A resistência se dá como processo inerente à escrita.

Inerente, pois a resistência será uma consequência do processo iniciado pela melancolia. Ora, afastando-se do mundo que as cerca – e ao mesmo tempo as marginaliza – num processo de reclusão melancólica, as personagens criam um mundo paralelo e resistem ao outro mundo opressor, apresentando uma religiosidade, uma existência, uma moral própria.

CONCLUSÃO

Concluimos que o romance Tristessa é uma obra Beatnik, não só por seu autor – Jack Kerouac – ter participado do movimento, mas por apresentar uma construção estética própria do movimento, enquanto manifestação literária; com a ocorrência de uma estrutura livre na organização da obra, um diálogo com outras artes, como a música e a

fotografia e, ainda, por apresentar influência de elementos da doutrina budista.

Será por meio da estética beatnik que poderemos melhor compreender a manifestação da melancolia na obra, pois, por conta dessa estética, a melancolia será ponte para a narrativa de resistência. Além disso, no mesmo período em que é escrito o romance Tristessa, os trabalhos fotográficos norte-americanos tendem a relatar uma América diferente, em que os marginalizados e a melancolia são tão presentes. Kerouac, ao falar sobre o fotógrafo Robert Frank, deixa claro ser conhecedor dessa tendência e dá indícios de que compartilha dela também.

Logo, a melancolia se dá em função de representar todo o ambiente criado no romance, um local imaginário, paralelo a outro mundo circundante – tal como uma metáfora do marginal-ideal, contraposto ao central-real.

Esse mundo imaginário terá como eixo central a personagem Tristessa. Esta, em sua religiosidade marcada pelo luto e pela apatia, guarda a gênese de toda a manifestação da melancolia como efeito estético.

A partir da criação desse mundo paralelo, oriundo do sentimento de melancolia, a obra pode se classificada como uma narrativa de resistência, pois temos, em sua construção, personagens que resistem a um mundo opressor. Sobre isso nos fala Bosi (2002, p. 120):

A Translação de sentido da esfera ética para a estética é possível, e já deu resultados notáveis, quando o narrador se põe a explorar uma força catalisadora da vida em sociedade: os seus valores. À força desse ímã não podem subtrair-se os escritores enquanto fazem parte do tecido vivo de qualquer cultura.

Nesse processo, elementos éticos como a moral das personagens do romance Tristessa, sua religiosidade marcada pelo luto, suas relações de convivência marcadas pela melancolia passam de elementos éticos para efeitos estéticos. Nesse sentido, a obra Tristessa é uma narrativa de resistência, que se opõe a uma sociedade opressora, por meio da apatia e da melancolia.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Literatura de Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BUENO, André; GÓES, Fred. *O que é Geração Beat*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BUIN, Yves. *Kerouac*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

KEROUAC, Jack. *Tristessa*. Trad. Edmundo Barreiros. Porto Alegre: L&PM, 2006.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2007.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.